
À SOMBRA DO PAI

Dulce Maria Viana Mindlin*

RESUMO

1997 assinala o 4º centenário da morte de José de Anchieta, e a possibilidade da canonização do “Apóstolo do Brasil”. Observando-se a sua produção escrita (cartas, poemas líricos, um poema épico, uma gramática, um catecismo e vários autos catequéticos e de devoção), vai-se poder recuperar praticamente toda a visão de mundo que denunciava o ponto de enunciação de seu discurso: a Europa quinhentista, vale dizer, expansionista e catequista, na esteira das necessidades da Contra-Reforma. Nesse conjunto, o papel desempenhado pela Companhia de Jesus e por seu fundador, Inácio de Loyola, assume importância inquestionável, enquanto catalisadora das tendências do pensamento europeu em termos de *analogia* e de *convenientia* (M. Foucault), principalmente, e enquanto disseminadora, em termos extra-europeus, das mesmas tendências, através do processo catequético e colonizador.

*Ao meu santo pai Inacio de Loyola
dedico e consagro
no ocaso da minha vida
estas páginas da minha cansada velhice
escritas com o único objetivo
de torná-lo conhecido
em sua autenticidade e grandeza
com humildade e amor
com veneração
e...com admiração*

Ricardo García-Villoslada, S. J.

* Professora Titular do Departamento de Letras e Artes da Universidade Federal de Viçosa. Professora Convidada do Mestrado em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG)

É fora de dúvida que, tratando-se da Companhia de Jesus, a questão da obediência é ponto pacífico: “la obediencia quiere ser cega”¹, diz Santo Inácio em carta ao P. Juan Bautista Vila, em 1542. O impacto é amenizado pelo próprio Loyola, em posteriores instruções aos padres e irmãos da Companhia, quando aponta para a *maneira* de obedecer: “la perfección de la obediencia (...) está en obedecer con amor y alegría; que, quien va contra lo que siente, no puede durante tal repugnancia obedecer amorosa y alegremente”².

A obra de José de Anchieta, que chegou ao Brasil em 1553, vai revelar aos estudiosos uma figura verdadeiramente fascinante, uma vez que totalmente construída sobre a “obediência cega” aos postulados da Companhia, porém portadora da mesma ambigüidade que marca a figura de Inácio de Loyola. Os próprios comentaristas da obra que deixaram os fazem transitar das alturas celestes às profundezas infernais, dependendo, também eles, da visão de mundo que denuncia o ponto de enunciação de seu discurso.

Interessa-me, basicamente, de certa forma rastrear a questão da permanência, na obra do ilustre canário, do paradigma genuinamente inaciano -- de alguns textos que escreveu ele mesmo: a *Fórmula do Instituto*, os *Exercícios Espirituais* e as *Constituições* da Companhia de Jesus -- tomados aqui como *arquétipos* dos quais os de José de Anchieta são *atualizações*, seja no discurso conceitual, seja no dogmático, seja no alegórico: “a sombra do Pai” estará sempre presente, como eterno Norte que o Taumaturgo do Brasil jamais perdia de vista, obedientemente. Como textos *acomodados*, os de José de Anchieta vêm, pois, fazer eco aos de Inácio de Loyola, mesmo que na *diferença* de sua dicção, pelo fato de nela se fazerem notar, principalmente, as *identidades conceituais* e as *analogias de juízo*, como quer Gilles Deleuze³.

Mas o próprio fato de ser esta uma obra que se pode ler como “eco” daquela do fundador da Companhia de Jesus já levanta aspectos dos mais relevantes no que toca a identidade nacional, o hibridismo cultural e a questão da alteridade. Nesse sentido, a leitura através das “similitudes” definidas por Michel Foucault acaba por ter uma operacionalidade bastante sensível até porque, como linhas conceituais, não se alojam em abstrações meramente teóricas, uma vez que foram geradas no universo específico da Europa quinhentista. E considerando não apenas o 4º centenário da morte de José de Anchieta, como ainda o próximo 5º centenário

da chamada descoberta do Brasil, mais oportuna se torna a releitura da obra desse jesuíta, pela relevância de sua contribuição no redimensionamento de nosso passado colonial.

Inácio, o Pai de todos

A San Ignacio de Loyola, en el quinto centenario de su nacimiento, y a la Compañía de Jesús, heredera de su espíritu, en el 450 aniversario de su fundación, con espíritu filial

Ignacio Iparraguirre e Candido de Dalmases

“No descansaba hasta que sus hijos fuesen un directorio viviente. Que su mentalidad fuese el reflejo de los criterios contenidos en su método. Que sus obras fuesen como la reproducción viva de los mismos ejercicios”⁴. Estas palavras, de um dos mais autorizados comentadores da obra de Inácio de Loyola e um dos autores da dedicatória acima, permite que se façam importantes inferências preliminares: a primeira, o fato de a palavra “filhos” comparecer de maneira clara e sem subterfúgios; a segunda, a explícita vontade do fundador da Companhia de Jesus de *continuar* na obra de seus discípulos.

A propósito, o Padre Iparraguirre interpreta essa vontade com uma metáfora das mais felizes: “No se busque otra cosa en estas venerandas notas. Los discípulos de San Ignacio las fueron incrustando, como si tratara de piedras preciosas, en los directorios que fueron componiendo”⁵. As palavras de Loyola funcionam, assim, como permanentes “recuerdos” que se fazem notar todo o tempo, qualquer que seja a instância de sua veiculação. José de Anchieta, bom discípulo de Inácio, vai atualizar, como não podia deixar de ser, esses princípios fundamentais na obra que produziu ao longo de sua permanência em terra brasileira. Não nos esqueçamos, porém, da existência de uma prerrogativa das mais importantes, e que é *celula mater* de toda a pedagogia jesuítica: o princípio da *adaptação*⁶. É, pois, *adaptando* o pensamento de Inácio que o “Taumaturgo do Brasil” vai criar uma obra em tudo por tudo “à imagem e semelhança” daquela

de seu Pai, mesmo em diversa dicção, uma vez que seu ambiente de trabalho, bem diferente do da Europa quinhentista, era o continente recém “descoberto”; sua audiência, o nativo que, sendo o estranho, o diferente, o Outro que era preciso trazer às hostes católicas, requeria um esforço complementar. Portanto, para a execução do plano catequético, o texto do Pai não poderia ser usado tal e qual.

O esforço complementar veio à tona, principalmente, na forma que Anchieta dominava e para a qual possuía inegável talento: o auto catequético. Dessa maneira, o “Apóstolo das Selvas” pôde traduzir um pensamento bastante sofisticado, como o de Loyola, para a língua [tupi] que os nativos podiam entender. E mais: pôde traduzir uma *visão de mundo* que era preciso repassar, como etapa importante e necessária para que se tentasse fazer do Outro algo semelhante ao Mesmo, vale dizer, ao europeu. E aqui em cena, *no pun intended*, as famosas noções foucaultianas de *analogia* e *convenientia*: “São ‘convenientes’ as coisas que, aproximando-se umas das outras, vêm a se emparelhar; tocam-se nas bordas, suas franjas se misturam, a extremidade de uma designa o começo da outra”⁷; a *analogia*, por sua vez, tem “um campo universal de aplicação. Por ela, todas as figuras do mundo podem se aproximar”⁸. Não estou aqui avaliando os resultados, pelo menos por enquanto. Interessa-me, como mencionei, rastrear algumas ocorrências, para melhor poder ilustrar aquilo que se consubstancia como hipótese de trabalho: a presença *explícita*, na ficção de José de Anchieta, do pensamento *explícito* de Inácio de Loyola. Analógica e convenientemente, como é de se esperar.

Começemos com a *Fórmula*, até por razões cronológicas: é este o primeiro documento oficial da Companhia, redigido pelo próprio Inácio, e que foi aprovado pelo Papa Paulo III em 3 de setembro de 1539⁹, sendo ainda o germe das *Constituições* que posteriormente viriam a lume. Após algumas retificações, ficou como definitivo o texto da *Fórmula* aprovado por Júlio III, em 1550¹⁰. É desse texto que constam os princípios mais fundamentais do pensamento de Loyola, e que José de Anchieta não descurou de atualizar. No cap. 1, por exemplo:

Todo el que quiera militar para Dios bajo el estandarte de la cruz en nuestra Compañía, (...) persuádase que, después del voto solemne de perpetua castidad, pobreza y obediencia, es ya miembro de esta Compañía, fundada principalmente para emplearse en la defensa y propagación

de la fe y en el provecho de las almas en la vida y doctrina cristiana, sobre todo por medio de las públicas predicaciones, lecciones y cualquier otro ministerio de la palabra de Dios, de los ejercicios espirituales, de la doctrina cristiana a los niños y gente ruda (...) haciendo todo esto gratuitamente, sin recibir estipendio ninguno por su trabajo¹¹.

Retomemos alguns pontos, para fazê-los dialogar com algumas passagens dos autos catequéticos de José de Anchieta.

Castidade e obediência

É verdade que essas exigências não se revelam como prerrogativa única da Companhia de Jesus. De modo geral, quase todas as ordens religiosas as põem em prática, com maior ou menor rigor. No caso, porém, da sociedade fundada por Inácio de Loyola, tais instâncias se revelam absolutamente fundamentais, basilares, tanto que presentes não só na *Fórmula* como ainda em sua *Autobiografia* como elementos de reflexão e de declaração de princípios. A castidade, por exemplo: “Estando una noche despierto, vido claramente una imagen de Nuestra Señora con el santo Niño Jesus, (...) y quedó con tanto asco de toda la vida pasada, y especialmente de cosas de carne (...). Así, (...) nunca más tuvo ni un mínimo consenso en cosas de carne¹²”. A castidade é, assim, fator tão importante para a espiritualidade inaciana que ele chega a declarar que a impossibilidade de guardá-la constitui uma verdadeira heresia¹³. E o que faz José de Anchieta? Considerando o seu público receptor, de um lado colonos mais para ignorantes e, de outro, nativos sem a menor idéia do que podia significar a continência sexual, ele representa, dramatiza, alegoriza. Põe nos lábios de personagens para esse propósito construídas as “regras” que advêm não só da doutrina da Igreja Católica, mas especificamente dos ensinamentos de seu Pai espiritual, que se incrustam à maneira de “pedras preciosas” no discurso do “Taumaturgo do Brasil”. É assim que se tem, por exemplo, a fala do diabo Guaixará:

É bom dançar,
adornar-se, tingir-se de vermelho,
empenar o corpo, pintar as pernas,
fazer-se negro, fumar,
curandeirar...

(...)
amancebar-se, ser desonesto,
espião, *adúltero*,
– *não quero que o gentio deixe*,¹⁴
(*Na festa de Natal*) [grifos meus]

É evidente a intenção catequética. O eco à voz de Inácio se faz ouvir com a maior clareza. Ao fazer um diabo privilegiar instâncias de incontinência sexual, o recado é transmitido da forma mais explícita: quem seguir suas palavras terá como habitação definitiva o mais profundo dos infernos. O contraponto, entretanto, não deixa de aparecer, na figura do Anjo:

Evitai,
de hoje em diante, serdes maus,
para extinguides vossos velhos hábitos
– a bebida, o *fétido adultério*, mentiras, brigas,
ferimentos mútuos, guerras.¹⁵
[grifos meus]

Fiel a todos os princípios da catequese dogmática e moral (de resto, uma herança agostiniana, também abraçada por Inácio: a idéia de recompensa ou punição de acordo com a aceitação ou a rejeição das verdades veiculadas¹⁶), Anchieta faz com que *se salvem* apenas aqueles que seguirem os ensinamentos ministrados pelos jesuítas. É ainda o mesmo Anjo que continua:

Confiai em vosso criador,
amando-o, acatando sua lei,
obedecendo mais a ele,
e do sacerdote, vosso mestre,
executando as palavras¹⁷
[grifó meu]

Como se vê, a doutrinação é explícita, de modo a não deixar a mínima dúvida. E a *obediência*, outra instância tão cara quanto a castidade, acaba por ter, igualmente, sua hora e sua vez no texto de ficção.

Defesa e propagação da fé

Não bastassem as evidentíssimas falas do Anjo e do Diabo, na construção medievalmente maniqueísta retomada por Anchieta na enunciação de seus autos, outras personagens aparecem para ratificar essa visão de mundo: são pecadores arrependidos em desfile, são diferentes alegorias (Temor de Deus, Amor de Deus, p. ex.) a proferir discursos eminentemente catequéticos, são outros santos mais ou menos consagrados (Lourenço, Sebastião) a reforçar o discurso com a experiência de seu martírio. Nenhuma dessas personagens, entretanto, tem a força da surpresa, uma vez que todas as suas falas são mais ou menos previsíveis no contexto em que se acham.

Surpreendente é a procissão de meninos nativos, estrategicamente colocada no final do *Auto de Natal*, no de *Na festa de São Lourenço*, e ainda no de *Recebimento que fizeram os índios de Guaraparim ao Padre Provincial Marçal Beliarde*. Aqui já se tem uma significativa diferença, dada pela imprevisibilidade não só da “conversão” operada, como ainda pelo *testemunho* daqueles que, dali em diante, *renegam* seus ritos, seus mitos, seus pais, seus irmãos; em suma, todos os elementos da cultura na qual nasceram e com a qual até então tinham convivido em pacífica relação:

Repudiemos nossos vícios,
não crendo nos pajés,
nem dançando, girando,
praticando curandeirismo.¹⁸
(...)
Tremem, por te terem matado,
os inimigos de Deus.
Vem arrebatá-los,
para que fiquemos a teu lado,
assustando os nossos inimigos¹⁹
Devorando um banquete de escravos,
dançam os meus avós;
faminto das leis de Deus,
*abjuro as de meus pais*²⁰

[grifos meus]

Vale a pena destacar ainda um outro elemento da cap. I da *Fórmula* de Inácio de Loyola, até porque será, na obra de Anchieta, uma espécie de pedra-de-toque: o ensino “às crianças e aos rudes”. Parece ser esta uma das particularidades mais observadas pelo “Apóstolo do Brasil”, tanto que faz de “seus” meninos novos “soldados de Cristo” ao representá-los não apenas *convertidos* (“abjuro as [leis] de meus pais”, acima) como ainda *dispostos a desenvolver um trabalho catequético* (“para que fiquemos a teu lado” vale dizer, ao lado de São Lourenço). É a apoteose do processo, o retorno de todo o investimento. Inácio de Loyola pode descansar em paz. No mundo recém- “descoberto”, José de Anchieta lhe seguia todas as pegadas, filho atento que era, fazendo a sua parte na persecução do objetivo maior de fundador da Companhia de Jesus: “Mi voluntad es de conquistar toda la tierra de infieles”, como enunciou nos *Ejercicios Espirituales*, que passo a examinar, ainda que sumariamente, uma vez que os princípios aí veiculados são praticamente os mesmos contidos na *Fórmula*, como aliás seria de se esperar de um pensamento articulado e coerente como o de Inácio de Loyola. Alguns pontos, entretanto, estão mais explicitados:

Os paradigmas da conversão

É na “Segunda semana” dos *Ejercicios* que Inácio vai enunciar claramente os paradigmas espirituais a partir dos quais seu trabalho se irá desenvolver: “El premier tiempo es quando Dios nuestro Señor así mueve y atrae la voluntad, que, sin dubitar ni poder dubitar, la tal ánima devota sigue a lo que es mostrado; assí como San Pablo y San Matheo lo hicieron en seguir a Cristo nuestro Señor”²¹. Vejamos como José de Anchieta atualiza o pensamento de Loyola, tanto em relação a um como a outro dos modelos mencionados pelo Pai. Também aqui vai-se poder observar todo o potencial de *convenientia* e de *analogia*, dado que o “Apóstolo das Selvas” não deixa por menos quando se trata de seguir praticamente ao pé da letra o pensamento de seu maior mentor:

E para mais clareza entendei, que Jesus, nosso senhor, converte os pecadores de duas maneiras: uma é violenta e forçosa (...), para arrebatá-lhe a vontade e fazê-la querer o que ele quer, de maneira que Deus pode fazer por força a um homem, que aborreça todo o pecado e ame a virtude, e que

de nenhuma maneira possa querer pecar. Desta maneira converteu hoje a Saulo (...) e da mesma maneira usou com São Mateus, segundo São Jerônimo, o qual diz, que, em chamando-o Cristo, viu nele alguma cousa grande e mostra de sua virtude divina; com o que não pôde fazer outra cousa senão segui-lo. Por esta maneira, irmão, não esperes tu, que não há mais que um S. Paulo e S. Mateus.²²

No mesmo diapasão será possível acompanhar o modo como Anchietta persegue incessantemente a atualização dos mesmos *Ejercicios* em relação às recomendações inacianas quanto ao ritmo que se deve imprimir às orações: “El tercero modo de orar es que con cada un anhelito o resollo se ha de orar mentalmente diciendo una palabra del Pater noster o de otra oración que se rece, de manera que una sola palabra se diga entre un anhelito e otro (..) y por la misma forma y regla procederá en las otras palabras del Pater noster; y las otras oraciones, es a saber: Ave María, Anima Christi, Credo y Salve Regina (...)”²³. A versão anchietana será a mais criativa possível: seus meninos recitarão as orações católicas não apenas em língua nativa, como ainda em forma de diálogo, na mais pura acepção de catequese como ensinamento oral²⁴. À guisa de ilustração, vejamos como ficou, p. ex., o *Pai Nosso*:

- | | |
|--|---|
| 1. M. Marã eípe asé Tupã
mongetábo? | 1. M. Que dizemos quando
fazemos oração a Deus? |
| D. Oré Rúb ybákype tekoár ei | D. “Pai nosso que estás em os
céus”. |
| 2. M. Abápe aibópae oimonãng
erimbaé, saángypyábo? | 2. M. Quem fez esta oração
[outrora]
[pronunciando-a por primeiro]? |
| D. Jandé Jára <i>Jesus Cristo</i>
aé osaáng erimbaé ojuru
pupé katú. | D. Nosso Senhor Jesus Cristo
a disse com sua boca. ²⁵ |

Considerando ainda uma vez algumas das cenas dos autos catequéticos, será possível observar que até certos detalhes aparentemente desimportantes são na verdade novas atualizações do pensamento do solitário de Manresa: “6a. regla. Alabar reliquias de sanctos, haciendo vereración

a ellas, y oración a ellos (...). *8a. regla*. Alabar ornamentos y edificios de iglesias; assimismo imágenes, y venerarlas según que representan²⁶. Consideremos apenas um auto, significativo no entanto a partir do título: *Dia da Assunção, quando levaram sua imagem a Reritiba*. Na primeira parte, um anjo e um diabo discutem sobre as conseqüências da vinda daquela imagem para a pequena aldeia. Diz o anjo:

Vem, Virgem Maria,
mãe de Deus, visitar esta aldeia
e expulsar dela o demônio.
Oxalá, por teu amor,
ela se santifique!²⁷

O diabo, ressabiado, mais adiante não tem outra alternativa senão reconhecer a derrota que lhe foi imposta pela simples presença da *imagem* da Virgem Maria:

Pobre de mim!
A mãe de Deus libertou
a terra que era minha...
A Virgem é minha inimiga!²⁸

Vê-se, pois que a presença da obra do fundador da Companhia de Jesus na de José de Anchieta é fato que não pode deixar de ser considerado ao se empreender qualquer viagem interpretativa pelos itinerários discursivos do ilustre poeta canário. Se retomarmos as premissas metodológicas que nortearam este percurso, podemos tentar vislumbrar algumas conclusões, por precárias que sejam:

- a) Se, com Michel Foucault, tivermos em conta as noções de *convenientia* e de *analogia*, veremos que a obra de José de Anchieta não só se aproxima deliberadamente da de Loyola, como em certos momentos *con-funde-se* com ela, apesar da diversidade do ponto de enunciação: no deste, a preocupação com o estabelecimento de leis e normas que garantissem, por longo tempo, o funcionamento da ordem religiosa que acabara de fundar; no daquele, a preocupação de atualizar o pensamento do Pai sem quem por isso, abrisse mão de deixar a sua marca no discurso que produzia, e nisso reside a sua inegável originalidade.

b) Se, com Gilles Deleuze, observarmos a obra de José de Anchieta em relação à de Inácio de Loyola em termos de “Diferença e repetição”²⁹, veremos que quase todos os aspectos elencados por esse pensador estão presentes, de certa maneira: mantém-se a “identidade do conceito”, uma vez que a integridade dos postulados inacianos não é sequer questionada; igualmente, a “semelhança do percebido”, já que as conclusões (pelo menos as catequéticas) que se podem tirar de um e de outro são praticamente as mesmas, guardadas as proporções; a “analogia do juízo” acaba sendo um elemento dos mais importantes do ponto de enunciação, já que é a partir dela que se pode determinar a paternidade conceitual e a conseqüente aceitação filial que determinam essa relação de mão dupla. Até aqui, portanto, estamos no terreno da “repetição”, de uma forma ou de outra.

Mas é sobretudo na “oposição de predicados” que se vai poder investir em uma leitura que dê conta da *diferença* que se faz ver em uma categoria das mais óbvias, porém não mencionada até agora: a ficção. É verdade que toda produção escrita a contém, em maior ou menor proporção, e não vou entrar, agora, nessa discussão algo bizantina. Estou comparando dois tipos de enunciação bem diversos um do outro, e é somente com os elementos dessa comparação que vou poder trabalhar, pelo menos, com uma hipótese: de fato, são bem opostos os predicados discursivos de Loyola e de Anchieta. Enquanto um se entrega de corpo e alma à realização de um plano que lhe garantiria a imortalidade, uma vez que, como pedra incrustada, estaria sempre presente na obra de seus seguidores, o outro se compraz em compor catecismos, poemas líricos e até um épico, sermões que são verdadeiras jóias literárias, e autos catequéticos. Verdade que seguindo os passos do Pai, de cuja sombra jamais se afasta, obediemente.

Entretanto, a presença do elemento ficcional vai fazer toda a *diferença* do discurso de José de Anchieta. Aqui, nesse pequeníssimo detalhe, a possibilidade até de um parricídio, simbólico que seja, que praticamente destrona o fundador da Companhia de Jesus, ao mesmo tempo que instaura a voz incontestável do Taumaturgo do Brasil como um poeta forte³⁰, ainda que, religiosa e intelectualmente, ele não se liberte da “sombra do Pai”. Mas não será justamente esse detalhe que nivela o fascínio que ambos ainda hoje provocam?

ABSTRACT

The year 1997 will mark 400 years since the death of José de Anchieta – and a good chance that “The Apostle of Brazil” will be canonized. A careful survey of his written work – letters, lyrical and epic poems, a grammar, a catechism and several *autos* (religious plays) allows an almost complete reconstruction of the then-reigning *Weltanschauung*: the Europe of the *cinquecento*, expansionist in both temporal and spiritual sense, in the wake of the Counter-Reformation. From this angle the role of the Jesuits and the founder of the Society of Jesus, Ignatius of Loyola, takes on very special significance, both as catalyst of European trends of thought (mainly in terms of M. Foucault’s *analogia* and *convenientia*) and as a disseminator of those same trends, this time in extra-European terms, via religious conversion and colonization.

NOTAS

1. LOYOLA, I. 1991: 761.
2. *idem*: 815.
3. DELEUZE, G. 1988.
4. IPARRAGUIRRE, I., S. J., 1991: 309.
5. *idem*: 310.
6. São do próprio Inácio de Loyola as instruções mais que explícitas: “11. Acuérdense, por lo que hace al modo, de proveer con prudencia y conveniencia, acomodándose a los ingenios y afectos de las personas, no echando vino nuevo en odres viejos, etcétera” (LOYOLA, I. *Carta a los Padres enviados a Alemania*”. 1991: 866).
7. FOUCAULT, M. *op. cit.*, p. 34.
8. *idem*: 38.
9. cf. *Regimini militantis Ecclesiae*, a Bula de Paulo III que institui a Companhia de Jesus como sociedade religiosa, em 27.9.1539.
10. cf. *Exposcit debitum*, a Bula que incorporava modificações feitas por Paulo III no sentido de incluir algumas regras e de melhor explicitar outras.
11. *Fórmula del Instituto aprobada por Julio III*. In: IPARRAGUIRRE, I., S. I., DALMASES, C., S. I. *op. cit.*: 455-56.
12. *Autobiografía*. In: *ide*: 106.

13. “Decir que no puede guardar castidad, sería herejía. Y de todos modos sería su condenación no guardarla, lo mismo dentro que fuera de la religión”. LOYOLA, I. *Carta a Juan Bta. Ottilio*. In: *ide*: 951.
14. MARTINS, M. L. P. 1954: 750-51.
15. *idem*: 769.
16. MINDLIN, D. M. V. 1993: 15.
17. MARTINS, M. L. P. *op. cit.*: 770.
18. *idem*: 743.
19. *ibidem*: 745.
20. *ibidem*: 677.
21. LOYOLA, I. *Ejercicios Espirituales*. In: IPARRAGUIRRE, I., S. I., DALMASES, C., S. I. *op. cit.*: 261.
22. ANCHIETA, J. 1988: 528.
23. LOYOLA, I. *Ejercicios Espirituales*. In: *op. cit.*: 277.
24. “CATECHÉSI. - Insegnamento orale della religione cristiana da parte di un ministro competente della Chiesa. (...) Secondo il suo significato etimologico, la parola c. (...) far pervenire la voce dal di sopra, “far eco” o “causare un eco”; in senso figurato: insegnare a viva voce, in modo che la parola del maestro sia come l’eco all’interrogazione del discepolo, e la risposta del discepolo alla domanda del maestro (...) evoca l’idea d’una interrogazione e d’una risposta. Tale è la forma principale della c. fin dagli inizi: un mutuo colloquio”. BOVINI, G. s.d. : 1093.
25. ANCHIETA, J. 1988: 219.
26. LOYOLA, I. *Ejercicios Espirituales*. In: *op. cit.*
27. MARTINS, M. L. P. *op. cit.*: 567.
28. *idem*: 568.
29. DELEUZE, G. 1988.
30. BLOOM, H. 1991.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANCHIETA, José de. *Cartas: informações, fragmentos históricos e sermões*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

- _____. *Diálogo da fé*. Intr. histórico-literária e Notas do Pe. Armando Cardoso, S. J. São Paulo: Loyola, 1988.
- _____. *Poesias*. Transcrições, Traduções e Notas de Maria de Lourdes de Paula Martins. São Paulo: Boletim IV., Museu Paulista, 1954.
- BLOOM, Harold. *A angústia da influência*. Trad. de Artur Nestrovski. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- CARDOSO, S. J., P. Armando. *O bem-aventurado Anchieta*. São Paulo: Loyola, 1980.
- DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Trad. de Luiz Orlando e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- ENCICLOPEDIA CATTOLICA. Città del Vaticano, Ente per l'enciclopedia cattolica e per il libro cattolico. s. d., Vol. III.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. Trad. Salma Tannus Muchail. 5. ed., São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- GIL, Eusebio (ed.). *El sistema educativo de la Compañía de Jesus – La "Ratio Studiorum"*. Madrid: Universidad Pontificia Comillas, 1992.
- IPARRAGUIRRE, S. J., Ignacio, DALMASES, S.J., Candido de. *San Ignacio de Loyola – Obras*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1991.
- LEITE, S. J., Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Lisboa: Portugalia; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938-1950 (10 vols.)
- LOYOLA, Ignacio de. *Obras*. Transcripción, Introducciones y Notas de Ignacio Iparraguirre, S.J., e Candido de Dalmases, S. J., Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1991.
- MARTINS, Maria de Lourdes de Paula. *José de Anchieta – Poesias*. São Paulo: Boletim IV, Museu Paulista, 1954.
- MINDLIN, Dulce Maria Viana. Anchieta: catequese, ideologia e missão. In: *Signótica - Revista do Mestrado em Letras e Linguística*. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1993, ano 5, nº 5.
- O' MALLEY, John. *The First Jesuits*. Harvard: Harvard University Press, 1993.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a evolução e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- VIOTTI, S. J., Hélio Abranches. *Anchieta, o Apóstolo do Brasil*. São Paulo: Loyola, 1980.